A Abordagem da 'Educação Sexual' no Boletim de Eugenia (1929-1933)

The 'Sex Education' Approach in the Boletim de Eugenia (1929-1933)

Resumo

Analisou-se a presença de conteúdo sobre educação sexual nas edições do periódico chamado Boletim de Eugenia no período de 1929 a 1933. Esse periódico é considerado o principal veículo de divulgação do movimento eugenista brasileiro. Por meio dele, foi possível verificar a importância da educação sexual no contexto eugênico. Comparou-se, também, as diferentes abordagens dos autores do boletim quanto à metodologia que defendiam para o ensino da educação sexual de maneira formal e informal. Apesar de haver divergências em relação à forma como se deveria apresentar a educação sexual aos brasileiros, principalmente, em relação aos estudantes, todos os autores mostravam-se unânimes quando afirmavam que o assunto era uma importante medida eugênica preventiva.

Palavras-chaves: Eugenia. Educação. Educação sexual. Boletim de eugenia. Eugenia preventiva.

Abstract

We analyzed the presence of content about sex education in the editions of the periodical Boletim de Eugenia of 1929 - 1933, the main vehicle of dissemination of the Brazilian eugenic movement verifying the importance of the theme in the eugenic context. We compared the authors' different approaches to the methodology they advocated for formal and informal teaching of sex education. Even though they are approached in different ways about how sexual education should be presented to Brazilians, especially students, all authors are unanimous in stating that the subject was very important as a preventive eugenic measure.

Keywords: Eugenics. Education. Sex education. Boletim de eugenia. Preventive eugenics.

Prof. Dr. Waldir Stefano

Doutor em história da ciência:
Pontifícia Universidade
Católica de São Paulo PUC-SP.
Universidade Presbiteriana
Mackenzie e Universidade
Cruzeiro do Sul.

E-mail: waldir.stefano@
mackenzie.br

Aguiar Azambuja Pereira

Graduando do curso de
Psicologia da Universidade
Presbiteriana Mackenzie.
Participante de iniciação
científica do Centro de
Ciências Biológicas e da
Saúde da Universidade
Presbiteriana Mackenzie.

E-mail:
aguiarazambujapereira@
gmail.com

Introdução

O termo *eugenia* – do grego: bom em sua origem – foi apresentado por Francis Galton (1822-1911), em 1883, para definir e designar uma **ciência** do melhoramento biológico do ser humano. Entretanto, a ideia de aperfeiçoamento humano já havia aparecido na obra *Hereditary Genius* de 1869, mostrando traços hereditários de talentos em famílias. Suas ideias sobre o aperfeiçoamento se associariam às discussões sobre degeneração e progresso da sociedade humana.

Galton apoiava-se em estudos estatísticos para defender que aptidões físicas e não físicas, como inteligência, habilidade musical, habilidade matemática e outros caracteres eram herdados, procurando, dessa maneira, condições de se identificar grupos de pessoas consideradas bem-dotadas e tipos ruins. Dessa forma, a eugenia poderia utilizar-se de medidas que favoreceriam a reprodução de indivíduos com bons dotes eugênicos (MARQUES, 1994).

Galton intensificou seus estudos sobre hereditariedade no seu laboratório Antropométrico em Londres, aberto em 1864, aplicando questionários com perguntas sobre características físicas e não físicas, para se estabelecer relações hereditárias nos indivíduos (DEL CONT, 2008).

Os estudos do Galton, utilizando-se da estatística, levaram-no à certeza de que aptidões comportamentais e as habilidades dos seres humanos eram hereditários. Em suas palavras:

As aptidões naturais de um homem são derivadas por hereditariedade (...) assim como é fácil obter por meio de cuidadosa seleção uma raça de cães ou cavalos dotada de capacidade peculiar para correr ou qualquer outra capacidade específica, seria também perfeitamente possível reproduzir uma raça de homens altamente dotada promovendo casamentos criteriosos ao longo de várias gerações consecutivas. (GALTON, 1979, p.1)

A eugenia chegou ao Brasil por influência da atividade acadêmica europeia em nossas

instituições de ensino no século XIX. O movimento eugenista no Brasil atuou no cenário nacional movido por um pensamento determinista. Os eugenistas estiveram presentes no meio acadêmico, na política, com propostas de medidas segregacionistas em espaços (SCHWARCZ, 1993).

Os movimentos eugênicos no Brasil começaram a se formar a partir de 1910, o país apresentava muitos problemas sociais, condições precárias da saúde pública, e isso impulsionou a visão de que a eugenia seria a solução para resolver esses problemas, por intermédio dos intelectuais brasileiros. O movimento eugênico foi responsável por diversas práticas sociais que influenciaram projetos educacionais no Brasil (SCHWARCZ, 1993).

O Brasil contou com o apoio de personagens como Raimundo Nina Rodrigues (1862-1906) que, no final do século XIX, preocupava-se com a questão racial e defendia uma abordagem eugênica para melhoria do povo brasileiro. Para Nina Rodrigues, a solução era impedir o cruzamento entre brancos, negros e vermelhos, raças reconhecidas no Brasil (STEFANO E NEVES, 2007).

Em 15 de novembro de 1918 foi fundada a Sociedade Eugênica de São Paulo, tendo como presidente o médico Renato Ferraz Kehl (1889-1974), essa foi uma forma de institucionalizar a Eugenia no Brasil e América Latina (TEIXEIRA E SILVA, 2017). E na narrativa de Kehl foi também o início do movimento eugenista brasileiro.

Permittam, meus senhores, que vos relate, sem alardes, como teve origem em São Paulo a cruzada em prol da Eugenia. Uma tarde appareceram em meu consultorio dois *sympathicos* americanos da A. C. M., associação da qual eram directores. Esquivei-me por motivos de occasião. Não houve meio de dissuadi-los. Eram insistentes e persuasivos. Acabei vencido e acceitando a prebenda. Disseram-me que voltariam no dia seguinte para saber o titulo da conferencia e marcar a data para a sua realização. Havia tomado notas e feito um rascunho para um trabalho sobre eugenia. Disse-lhes *incontinenti*:

– “podem levar o título ‘Eugenia’ e marcar o dia”. A 13 de Abril de 1917 teve lugar a conferencia, a primeira sobre eugenia, realizada no paiz, que foi publicada na integra no “Jornal do Commercio”, na edição de S. Paulo, no dia 19 do mesmo mez. Nella, após um ligeiro exordio, estudei a hereditariedade como fundamento da sciencia de Galton, os factores dysgenicos, a doutrina de Malthus, o direito relativamente á Eugenia, concluindo num appello aos estudiosos para a divulgação e pratica das idéas e preceitos eugenicos no nosso paiz, para a melhoria progressiva da nacionalidade brasileira (KEHL, 1929, p. 53).

Renato Kehl foi o responsável por vários feitos em prol da eugenia no Brasil, participando da criação de concursos, congressos, publicando livros, artigos e pela edição do periódico dos Boletim de Eugenia. Segundo Kehl, a eugenia tinha como objetivo:

A Eugenia tem por fim cooperar para o augmento progressivo dos homens *physica*, *psychica* e moralmente sadios; para a diminuição paulatina do contingente dos fracos, doentes e degenerados, — concorrendo, desse modo, para a constituição de uma sociedade mais sã, mais moralizada, em summa, uma humanidade equilibrada, composta de individuos fortes e bellos, elementos de paz e de trabalho. (KEHL, 1929, p.1)

Na questão da educação, os eugenistas, de um modo geral, estavam associados à formação da consciência eugênica. Por exemplo, Octavio Domingues (1897-1972) acreditava que, através do conhecimento dos princípios da hereditariedade e eugenia recebidos do processo educacional, seria possível formar uma “consciência eugênica” no país. Para os eugenistas casais, com consciência eugênica, acreditava-se que poderiam ter um número maior de filhos com bons dotes eugênicos e assim contribuiriam com a formação do povo brasileiro. Um dos objetivos dos eugenistas era difundir a eugenia e, dessa

maneira, ganhar respaldo político. Para para Domingues, o objetivo da eugenia era melhorar a espécie humana, no sentido de produzir o homem normal; era de fundamental importância saber quais características seriam herdadas, principalmente dentro dos padrões mendelianos, e que evidências existiam quanto a elas seguirem esses padrões (DOMINGUES, 1935; STEFANO, 2001; WEGNER, 2017).

O Boletim de Eugenia e a Educação Sexual

O Boletim de Eugenia foi uma revista publicada entre os anos de 1929 e 1933, elaborada pelo médico eugenista Renato Kehl, impresso no Rio de Janeiro, com uma tiragem mensal de 1.000 exemplares, durante os três primeiros anos a publicação era mensal e depois passou a ser trimestral. Foi o principal meio de divulgação de ideias eugenistas no Brasil e um instrumento de divulgação da eugenia como uma ciência pautada por leis, semelhante às ciências naturais, entre médicos, intelectuais, políticos, advogados e professores, publicando artigos de eugenistas brasileiros e estrangeiros. O Boletim tentava promover o interesse pela eugenia e os problemas existentes no país.

Nas edições do Boletim de Eugenia, vários assuntos eram apresentados. A questão da educação, no contexto eugênico, tinha importância e se destacava, pois era uma maneira formal ou informal na qual um indivíduo podia adquirir uma consciência eugênica e ocorria, principalmente, entre as crianças, mas também entre os jovens e adultos. Como dito, Octavio Domingues foi um dos eugenistas que mais escreveu sobre a importância da eugenia na educação. Em seu livro “A hereditariedade em face da educação”, Domingues enfatizava o ensino de genética e eugenia nas escolas, pois seria uma forma de convencer o povo das vantagens que adviriam à raça, com a aplicação de medidas eugênicas. Domingues acreditava que a melhor maneira da eugenia se desenvolver seria por meio da educação, pois à medida em que o povo entendesse genética e eugenia, eles buscariam um melhoramento eugênico (STEFANO, 2001).

Uma das principais medidas para a propagação da eugenia no Brasil era a proposta de estar presente no processo educativo. Assim, para popularizar a eugenia, devia-se incluí-la desde as fases iniciais da educação até os cursos superiores. Logo, passou-se a discutir quais seriam as melhores estratégias para se propagar a eugenia por meio da educação. Segundo Geraldo Andrade, em um boletim de eugenia brasileiro “[...] a eugenia terá sempre em mira a educação popular em questões de hygiene e de hereditariedade, pondo em relevo as applicações sociaes das suas leis, que são susceptíveis de interessar a collectividade” (ANDRADE, 1930, p. 3; KEHL, 1929, p. 1).

Dentro da questão da educação, a educação sexual ganhou espaço nos artigos publicados no Boletim de Eugenia – Figura 1. A questão da educação sexual despertava interesse nos meios cultos de todo o mundo civilizado. Do ponto de vista eugênico, tornava-se evidente a necessidade de uma propaganda intensa, entre os próprios eugenistas, sobre a maneira de se proceder essa educação, a fim de que seus resultados fossem revertidos em benefício para as futuras gerações.

A educação sexual pertencia à categoria chamada de ‘eugenia positiva’ ou também denominada ‘*eugenia prophylaxis*’, caracterizada como uma medida eugênica preventiva. No boletim, defendia-se que a educação sexual deveria ser apresentada principalmente aos jovens, para que eles criassem consciência a respeito de temas como matrimônio, doenças venéreas, sexualidade, impulsos, moralidade e puericultura, todos em âmbitos eugênicos. Nas palavras de Renato Kehl:

A educação sexual constitui uma das questões principais da campanha em prol da defesa humana, porque ella tem por fim incutir na consciência popular a responsabilidade de cada indivíduo para consigo mesmo, para com os outros, em particular para com a família (KEHL, 1930, p.1).

Figura 1 – Capa do Boletim de Eugenia nº 24 de 1930

A educação foi considerada importante pelos eugenistas para que o cidadão adquirisse uma consciência eugênica, desde que bem estruturada:

(...) toda a melhora da individualidade lateral (*paratypica*) por intermédio da hygiene, da educação, da assistência social, etc., tem effeitos limitados a duração da vida individual; não tem influencia alguma sobre a sorte das gerações futuras, e age no máximo pelas condições do meio, que favorece (...) (...) *Ella attrae* as intelligencias capazes de cultura, necessitadas de cultura (...) (...) E a Educação há de ser, de tal sorte, por força mesmo dos ensinamentos da Eugenia – generalizada, prolongada, continua, dominada pelas preocupações sociaes. Tudo acresce-lhe a importância (...) (CARNEIRO, 1929, p. 107-116)

Dentro do debate acerca da educação no Boletim de Eugenia, a educação sexual – que era parte de uma eugenia preventiva, que teria o objetivo de preservar a raça humana da deturpação física e do desvirtuamento moral – , era considerada por muitos a questão central da divulgação e consolidação da eugenia na sociedade, principalmente pela falta de conhecimento das pessoas sobre o assunto.

Educação sexual, segundo Renato Kehl (1930), teria a intenção de criar uma consciência nas pessoas em relação a responsabilidade de si, com os outros e também com as famílias. Segundo o autor, no Brasil, nada havia sido feito em relação ao tema até então, exceto pelo projeto apresentado na câmara de Oscar Penna Fontenelle para o ensino de higiene sexual:

No Brasil nada se tem feito, coordenada e methodicamente, para o estabelecimento da educação sexual individual, nem como disciplina pedagógica, a não ser a tentativa do Dr. Oscar Penna Fontenelle, que apresentou na Gamara um projecto que cogitava de introduzir nos programmas officiaes dos collegios o ensino da hygiene sexual ”. (KEHL, 1930, p.1)

Os eugenistas consideravam a educação sexual como um instrumento para os jovens aprenderem a controlar suas pulsões sexuais, reprimindo-as pela sua moral. Dessa maneira, os jovens se tornariam mais responsáveis quanto à reprodução, matrimônio, e deveres da família. Por exemplo, educar o comportamento dos jovens para que eles tomem rumos que os eugenistas entendiam que posicionaria a sociedade em uma crescente melhora. A educação sexual deveria ser ensinada inicialmente na família e depois na escola e até mesmo nos quartéis de maneira progressiva. Entretanto, os procedimentos envolvidos no ensino da educação sexual eram distintos entre os eugenistas.

O problema da educação sexual vem despertando, dia a dia, maior interesse nos meios cultos de todo o mundo civilizado. Encarando a questão sob o ponto

de vista eugenico, torna-se evidente a necessidade de uma propaganda intensa, entre nós, da maneira de se proceder esta educação, afim de que seus resultados immediatos revertam em beneficio da geração que surge. A disseminação assustadora dos males venereos no seio da mocidade e a crescente desorganização matrimonial têm por causa principal a ignorancia sobre questões do sexo. Quasi todos senão todos rapazes e moças fazem idéia errônea sobre o assumpto, quando não desconhecem, completamente, as consequencias desastrosas que tal ignorancia acarreta para a própria saúde e para a espécie (E. R., 1930, p. 1).

A médica Paulina Luisi (1930, p. 3-5) reiterava a importância da educação sexual para que se criasse uma consciência moral que se sobrepujasse ao instinto sexual dos jovens: “[...] A Educação Sexual é a acção pedagógica que pretende submeter o instinto sexual á acção da vontade sob o dominio da intelligencia instruída, consciente e responsável”.

Luisi defendia o ensino baseado em responsabilidade individual e social, disciplina e responsabilidade, conhecimento científico, abrangendo áreas de puericultura, higiene, anatomia e, também, a instrução moral (LUISI, 1930, p. 3-5).

Ainda segundo Paulina Luisi (1930, p.3-5), a educação sexual deveria ser iniciada bem cedo e prosseguir de forma gradual durante a vida escolar. O ensino da educação sexual seria um dever conjunto entre família e escola, ambos deveriam estar atuando juntos. Nas escolas, a instrução científica e moral depende da idade dos alunos, cursos, períodos e etc. O ensino seria de maneira progressiva, iniciando-se com conteúdos básicos e finalizando com assuntos como eugenia, ética, puericultura. Nas escolas primárias, o ensino relacionado a moral ocorreria simultaneamente ao das ciências naturais. A autora afirmava que não existia uma matéria específica para a educação sexual, e sim que seus conteúdos apareceriam naturalmente em outras disciplinas existentes (LUISI, 1930, p. 3-5).

Em outro momento, no Boletim de Eugenia, reforça-se a tarefa dos pais nos ensinamentos iniciais sobre educação sexual:

Chegada a época da puberdade, em que se desenvolve o instinto sexual, a tarefa da mãe ou pae não será difficil no caso da preparação do espirito ter sido encetada na infância (...). A franqueza entre paes e filhos não deve, porém, dar a entender que lhes é permittido fallar a qualquer pessoa sobre taes assumptos. Fácil será ensinar-lhes que nem todos poderão comprehendel-as como seus proprios paes, o que servirá para augmentar a confiança da criança (...). Uma vez esclarecidos, rapazes e moças, sobre seus deveres sexuaes, convém desviar-lhes a attenção de taes assumptos, evitando leituras excitantes e maus espectaculos (...). Educados desta fôrma, atravez da infancia e da mocidade, os jovens adquirem um cabedal de conhecimentos proveitosos e úteis, que serão o esteio de sua moralidade e a norma de uma conducta recta e honesta (E.R., 1930, p. 2). Não se deve realizar um ensino que illustre o ato ou algo do tipo para estudantes até o fim dos cursos secundários, somente em casos específicos com relação ao restante do ensino. A matéria deve ser ensinada por professoras e professores na escola primaria, professores para o nível o secundário e normal. No secundário e normal a educação sexual cabe ao professor da matéria que possui as questões relacionadas ao assunto. Não se deveria existir diferenças para o ensinamento em relação ao sexo. As escolas masculinas e femininas ensinariam o mesmo conteúdo a partir de um mesmo programa de educação sexual, ao longo do tempo do tempo, a educação sexual desapareceria e se tornaria parte da educação integral. (LUISI, 1930, p.3-5)

O mesmo foi defendido por Oswaldo Ayes da Silva que acreditava que o ensino ocorreria de maneira conjunta entre família e escola, então, o responsável pelos ensinamentos dos meninos seria um professor e o pai, e para as meninas uma professora e a mãe (SILVA, 1931, p.6-7).

Uma reforma educacional instauraria medidas para que o preconceito dos opositores à ideia acabasse. As medidas seriam de fundamentos pedagógicos, como inclusão de estudos de órgãos sexuais, eugenia, deontologia sexual, puericultura e ética, e mais, os estabelecimentos de ensino organizariam cursos de “hygiene individual e social”; ensinamentos de eugenia e puericultura; cursos de pedagogia sexual para os pais e outras medidas.

Júlio Pires Porto-Carrero tinha uma visão que envolvia até mesmo a teoria psicanalítica freudiana sobre o desenvolvimento psicosssexual, afirmando que a educação sexual deveria levar em consideração a análise do desenvolvimento infantil:

Educar sexualmente é observar, desde o nascimento, as tendencias sexuaes da criança (sexuaes no sentido lato, de Freud) e nortear essas tendencias: impedir que as funções organicas que causam prazer se prolonguem por motivo desse prazer: o sugar o seio, o evacuar o intestino. A amamentação prolongada, quando a criança já sabe beber e comer, o uso da chupeta ou do dedo a chupar exaltam o prazer oral (sexualidade oral) que pôde dar mais tarde os vícios da bocca — cigarro, álcool, cocaína — ou certas perversões e neuroses. A demora na função de defecação, o uso de clysteres— freqüentes, a attenção ou a reprehensão dirigidas para essa função, para as fezes e gases intestinaes cultivam a sexualidade anal, com desvantagens ulteriores, obvias ou não. O prazer dessa phase da evolução sexual da criança deve ser derivado “sublimado” para trabalhos de moldagem e carpintaria infantil (PORTO-CARRERO, 1930, p.5).

Haviam opositores sobre a importância da educação sexual. Segundo Kehl, eram pessoas que não tinham um conhecimento relevante sobre o assunto, dotados de preconceito a respeito do tema. Kehl afirmava que os especialistas no assunto, médicos, pedagogos e eugenistas, eram apoiadores da causa, que possuía um efeito profilático, de precaução. Os opositores se baseavam em duas linhas de

pensamentos, em uma delas consideravam que as crianças não possuíam um instinto sexual desenvolvido, e só desenvolveriam o mesmo com o tempo, e de maneira natural. O outro argumento era de que seria difícil ensinar educação sexual, devido a problemas como pudor, ignorância e até mesmo falso escrúpulo. Além disso, outro fator de oposição seriam os pais, que acreditavam que seus filhos não tinham interesse em saber sobre o tema e muito menos preocupação a respeito deste:

Não mais se discutem as vantagens higienicas e eugenicas da educação sexual. Elias são ultra-evidentes. Para avaliar o seu *effeito prophylactico* é necessario examinar a questão sem preconceitos, “fazendo taboa rasa de toda concepção *hypocrita*” e mantendo o espirito preparado para um julgamento sã. Oppõem-se a esta indispensável educação os que se firmam num dos seguintes pontos de vista erroneos e archaicos: 1) Na suposição de que o instinto sexual falta às crianças, só se revelando com a maturidade dos órgãos de reprodução... 2) Outros se declaram contrários á educação sexual allegando as difficuldades, suppostas insuperaveis, de desempenhar esta missão junto aos filhos, por pudor, por ignorancia ou falso escrúpulo, ou pelo preconceito tradicional e erroneo de que se deve deixar as crianças aprenderem os assumptos relativos aos sexos “a seu tempo”, do mesmo modo por que elles aprenderam com o vulgo ignorante e perverso. (KEHL, 1930, p. 1)

Kehl defendia que não existia uma idade, um sexo, uma condição sexual e, até mesmo, um temperamento específico para que se pudesse iniciar os ensinamentos sobre educação sexual, desde que fossem feitos com seriedade. Para Kehl, o primeiro passo dos ensinamentos deveria ser realizado pela mãe ou pela tutora, sendo delas o direito natural do primeiro ensinamento, ideia em princípio defendida também por Sylvia Serafim, porém, ela acreditava que muitas mães não tinha

capacidade de dar uma boa explicação sobre o tema, logo, estas não deveriam intervir nesse assunto (KEHL, 1930, p. 1-3; SERAFIM, 1931, p. 8).

Posteriormente, viria o pai ou o tutor, para advertir a criança sobre as más companhias. Após, viriam os médicos e pedagogos, ensinando e sanando as dúvidas de maneira didática aos alunos, as salas de aulas deveriam ser divididas em salas somente formadas por meninos e salas com meninas de maneira que eles pudessem sanar suas duvidas especificas para o seu sexo. É interessante notar que nem todos achavam que as divisões das salas deveriam ser por sexo, Sylvia Serafim acreditava que as aulas podem ser feitas com salas mistas, pois uma separação é seria algo artificial. Após o matrimônio, caberia ao homem e a mulher continuar a executar e se informar sobre a higienização sexual. (KEHL, 1930, p. 1-3; SERAFIM, 1931, p.8)

Conclusão

Pode-se dizer que a educação sexual, nos discursos dos intelectuais eugenistas, foi um tema importante. Compreender o movimento eugênico e a sua postura no aspecto da educação sexual se torna adequado. Com relação às influências políticas, sociais e morais do movimento em sua época, conclui-se que eles utilizavam estratégias envolvendo a educação e, em especial a educação sexual, para ensinar os jovens, como se percebe nesta passagem:

A pedagogia, guiada pelas normas da educação sexual, habilitará homem e mulher a mais perfeita escolha do parceiro; quando este preenche o ideal formado sadiamente na infancia, a fidelidade monogamica é fenomeno imperioso, automático. (PORTO-CARRERO, 1933, p.3)

Vários autores publicaram artigos sobre educação sexual no Boletim de Eugenia como:

Renato Kehl, Octavio Domingues, Paulina Luisi, J. Porto Carrero, Sylvia Serafim, Oswaldo Ayes da Silva, Luciene Viborel e alguns anônimos – geralmente descritos como ‘mães’. Os artigos sobre educação sexual estiveram presentes nos volumes do Boletim de forma direta ou indireta. Os autores do boletim possuíam ideias semelhantes em relação à abordagem da educação sexual, diferenciando na metodologia empregada na abordagem do tema.

Referências

- CARNEIRO, L. **Educação e Eugenia**. 1 Congresso Brasileiro de Eugenia, Rio de Janeiro, v. 1, p. 107-116, 1929.
- DEL CONTI, F. G.; Eugenia e Hereditariedade. **Scientia studii**. Vol.6 no.2 São Paulo Apr./June 2008.
- DOMINGUES, O. **A hereditariedade em face da educação**. São Paulo: Melhoramentos, 1935.
- E. R. O lar e a educação sexual das crianças. **Boletim de Eugenia**. Rio de Janeiro, v. 1, n. 22. p. 1, out. 1930.
- _____. O lar e a educação sexual das crianças. **Boletim de Eugenia**. Rio de Janeiro, v. 1, n. 22. p. 2, out. 1930.
- GALTON, F. **Hereditary Genius**. Londres: Julyan Friedmann, 1979.
- KEHL, R. E. **Boletim de Eugenia**. Rio de Janeiro, v. 1, n. 4, p. 1, abr. 1929.
- _____. O problema da educação sexual. **Boletim de Eugenia**. Rio de Janeiro, v. 2, n. 24. p. 1-3, dez. 1930.
- _____. A Eugenia no Brasil. **1º Congresso Brasileiro de Eugenia**, Rio de Janeiro de 1929. Casa Oswaldo Cruz/FIOCRUZ – Departamento de Arquivo e Documentação – Sala de Consulta.
- LUISI, P. Educação sexual. **Boletim de Eugenia**. Rio de Janeiro, v. 2, n. 24. p. 3-5, dez. 1930.
- MARQUES, Vera Regina Beltrão. **A medicalização da raça: médicos, educadores e discurso eugênico**. Campinas: Unicamp. 1994.
- PORTO-CARRERO J. A redenção (do livro “sexo e cultura”). **Boletim de Eugenia**. Rio de Janeiro, v. 5. n. 42. p. 3. abr.-jun. 1933.
- _____. Resposta de um especialista. **Boletim de Eugenia**, Rio de Janeiro, v.2, n. 24. p. 5-6. dez. 1930.
- SERAFIM, S. Um inquérito interessante. **Boletim de Eugenia**. Rio de Janeiro, v. 3, n. 25. p. 8, jan. 1931.
- SILVA, A, O. **O papel da educação no combate às doenças venereas**. Rio de Janeiro, v 3, n. 26. p. 7, fev. 1931.
- SCHWARCZ, M. L. As faculdades de medicina ou como sanar. In: SCHWARCZ, M. L. **O espetáculo das raças**. 1. São Paulo: Companhia das Letras. 1993.
- STEFANO, W. Octavio Domingues e a eugenia no Brasil: uma perspectiva mendeliana. 2001. Dissertação (Mestrado em História da Ciência) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.
- _____.; Neves M. **Mestiçagem e eugenia: um estudo comparativo entre as concepções de Raimundo Nina Rodrigues e Octavio**. Filosofia e História da Biologia, v. 2, p. 445-456, 2007.
- TEIXEIRA, I. M. e Silva, E. P. **História da eugenia e ensino de genética**. História da ciência e ensino, v. 15. 2017.
- WEGNER, R. **Dois geneticistas e a miscigenação**. Octavio Domingues e Salvador de Toledo Piza no movimento eugenista brasileiro (1929-1933). Varia História (UFMG), v. 33, p. 79-107, 2017.